

Alexandre Dumas

A facilidade de escrever de Alexandre Dumas era tão prodigiosa como sua memoria: não tinha precisão de isolar-se para trabalhar: escrevia no meio de qualquer ruído.

Chegava uma visita: Dumas depunha a penna, conversava durante uma meia hora e recomeçava o seu romance no ponto em que o tinha interrompido.

O grande escriptor não tinha nenhuma dessas manias, inherentes á profissão dos homens de letras; trabalhava á vontade em qualquer lugar, fosse a qualquer hora do dia ou da noite.

Vinte vezes interrompido pela manhã, continuava vinte vezes o seu trabalho onde tinha ficado, para palestrar com um jornalista, uma actriz ou um director; abandonava ás vezes um romance para combinar com um collaborador o scenario d'um outro livro: mas, retirado que fosse o collaborador, Dumas voltava de novo á sua narração de que nem por um momento perdia o fio.

Para ver-se livre dos importunos que vinham pedir-lhe um serviço, um bilhete de theatro, elle tinha um meio engenhoso: concedia tudo para não perder tempo em explicações inúteis.

Por exemplo:

—Meu caro Dumas, não tendes uma cadeira para «Mademoiselle de Belle-Isle?»

—Como não! dizia Dumas, tudo o que fôr de seu agrado!

E com a sua bella letra escrevia:

«Meu caro Verteuil, tenha a bondade de entregar ao portador uma cadeira para esta noite.»

O solicitador saltava para dentro d'um carro, corria ao theatro francez e apresentava o bilhete ao secretario Verteuil, que ao ler exclamava:

—Com os demonios! Dumas terá enlouquecido?

«L' a decima setima cadeira que me pede hoje.

Impossivel! este homem do diabo, si eu consentir, é capaz de tomar-me toda a sala e talvez seja necessario ainda dar duas representações diarias para contentar todos os seus protegidos!

O numero dos visitantes de toda a especie era incalculavel; a campanha de seu gabinete não cessava nunca de soar de manhã até á noite.

Dos quatro cantos de Paris traziam-lhe manuscritos.

Todos os jovens escriptores, conhecendo a sua bondade d'alma, dirigiam-se de preferencia a Alexandre Dumas.

Um dia, um muito moço, veio ler-lhe uma peça em verso.

Depois do 1º acto:

—Meu filho, diz-lhe o celebre escriptor, as tuas rimas não são lá muito ricas.

—Não são ricas! exclamou o moço, deixando cair das mãos o manuscrito.

E, Alexandre Dumas, sentido de ter assim magoado a um estreante, levantou do chão o manuscrito e entregou-o ao joven escriptor, dizendo-lhe:

—Não desanimes por tão pouco, meu filho, as tuas rimas não são ricas, é verdade, mas estão remediadas!

Quando a imaginação tornava-se-lhe indolente e que era forçoso mandar os folhetins para os jornaes, Dumas tirava-se do apuro, fazendo o dialogo curto e rapido, como por exemplo:

—Ah! sois vós?

—Sou eu.

—Eu vos esperava.

—Aqui estou!

—E sabistes bem?

—Sahi-me bem.

—Com certeza?

—Com certeza.

—Então?

—Está feito.

—Pois bem, conversemos!

—Conversemos!

Como pagavam-lhe á linha e muito bem pago, bem entendido, este processo acabou por irritar os directores de jornaes.

Dujarrier, que era da *Presse*, foi procurar Denoyers do *Siècle* e diz-lhe:

—Você não está espantado com o vasio de nossos folhetins?

Duas palavras no maximo em cada linha!

Isto não pôde continuar assim!

Os dous directores entenderam-se e significaram a Dumas que só pagariam a metade do preço convençionado por toda linha cujo texto não excedesse a metade do espaço.

Eu entrei em casa de Dumas exactamente na occasião que tinha recebido a carta de Dujarrier! Elle tomou a penna, encheu uma pagina inteira e disse-me:

—Pois bem, matei-o:

—Quem é que você matou?

—Acabo de matar Grimaud, o Taciturno.

Tinha-o inventado expressamente para os pequenos fins de linha, mas desde que não m'os pagam mais tenho tambem prazer em fazer fallar os meus personagens.

Nunca ninguem conseguiu fazer melhor o dialogo do que Alexandre Dumas.

A principio, essa forma permittia-lhe escrever depressa; depois elle proprio reconhecia a sua superioridade sobre este terreno.

Para pôr mãos a obra, muitas vezes elle representava a scena antes de lançal-a sobre o papel, medindo a passos o seu aposento, fallando em alta voz e mudando de tom e andar, conforme o personagem que representava.

Mas para contemplar Alexandre Dumas em todo o seu esplendor, era necessario vel-o em casa e á mesa: ahí é que revelava-se *canseur* no meio dos amigos.

Seus intimos alli entravam como n'um restaurant; o jantar era encomendado para cinco a seis pessoas, e quando sentavam á mesa eram ás vezes doze e quatorze os convivas.

O dono da casa não dava-se ao trabalho de vestir-se para jantar; trabalhando até o ultimo momento e voltando ao escriptorio a hora de fumar, vinha sentar-se entre os convidados com o costume descuidado que constantemente usava: uma simples calça comprida, chinellas, a camisa sempre desabotoada deixando ver o seu largo peito.

Assim, no desalinho, sentia-se mais á vontade para palestrar, fosse sobre o que fosse sempre com a mesma volubilidade e alegria natural e communicativa...

Dumas era a incarnação do espirito francez, sempre, sempre prompto ao ataque como a defeza.

Quando pela primeira vez foi jantar á casa do filho, na pequena casa que este alugára em Mellesville, casa onde duas outras myrradas arvores figuram de jardim disse elle:

—Abre, pois, a janella de tua sala de jantar para arejar o teu jardim...

Em principio tratava por tu a todo o mundo, excepto a Porcher, o bilheteiro, que se mostrava offendido de não ser tratado com a familiaridade que elle prodigalisava aos amigos.

Um dia Porcher revestiu-se de coragem:

—Senhor Dumas, tenho um obsequio a pedir-lhe.

—Vejam, meu caro mestre, o que é que desejais, diz o escriptor.

—Eu desejava ser tratado por tu pelo maior homem do meu tempo.

—Pois bem, meu caro Porcher, empresta-me cinquenta luizes.

Um de seus ditos mais conhecidos é o que pronunciou por occasião da morte d'um meirinho.

Abriu-se uma subscrição para se enterrar convenientemente o funcionario, dizendo a Dumas a pessoa encarregada da subscrição:

—Senhor, faltam apenas trinta francos!

—Trinta francos para um meirinho! exclamou Dumas, olhe, aqui tem noventa e veja se pôde enterrar tres...

H. VILLEMESANT.

(Trad.)

Dolor

Quando foste levaste-me, partindo
Alma e vida no adeus que me disseste;
Eu sei o que choraste, não soubeste
O que meu coração ficou sentindo!

Os meus olhos crueis estavam rindo
Quando dos teus as lagrimas me deste;
Só eu posso dizer que dôr agreste
Seccou-me o pranto e fez-me estar sorrindo.

Vi de teus olhos pérolas a fio
Derramarem-se e tu me contemplaste
A mim, como um rochedo, mudo e frio!

Porém, se mais do que chorei choraste,
Dôr não sentiste igual a que sentio
O que te amou como jámais amaste!

NATIVIDADE LIMA.

• Como se cumprimenta no mundo

Pode-se julgar, dizem, do character dos diferentes povos por suas formulas de saudação. Passemos, pois, se a leitora quizer, uma revista dos mais singulares modos de polidez usados sobre o globo.

Grego, dado naturalmente ao prazer, diz: «Alegrae-vos!»

O Romano para quem a saude e a felicidade são a mesma cousa diz: «Slave! passai bem, sede forte.»

O fatalismo do arabe se trahe nesta expressão: «Passae bem, se Deus quizer!»

A formula de saudação do turco: «Que a vossa sombra nunca diminua!» indica um paiz onde refulge sempre o astro luminoso.

Sob o ardente clima do Egypto, em que uma transpiração abundante é salutar, pergunta-se:

«Como transpiraes?»

O Hollandez, viajante, indaga:

«Como caminhaes?»

O Sueco, meditativo: «Como pensaes?»

Na China, onde o arroz forma a base da nutrição, uma pessoa chega-se a outra, perguntando: «Tendes comido muito arroz?»

A saudação do camponez irlandez é das mais characteristics: «Que a vida de Vossa Honra seja longa, diz elle, e que o vosso leite seja feito na gloria!»

Esta emphase hyperbolica e esta abundancia de metaphoras não indicam a origem oriental, dizem, deste povo?

O pratico inglez sauda secamente, com estes quatro monossyllabos:

«How do you do? Como fazeis vós?»

Esta formula caracteriza bem a essencia natural do Anglo-Saxão, para o qual o tempo é dinheiro.

Entre os mais bizarros convem observar a saudação dos Kalmouchs e dos Polynesios que se esfregam mutuamente o nariz com uma tocante alegria; depois o dos Thibethanos que, face a face, se esfregam freneticamente as orelhas, rangem os dentes o estiram a lingua.

Os Chinezes de baixa condição tem uma maneira não menos original de fazer saudações; quando encontram algum mandarim ou personagem de elevada cathogoria, tiram as sandalias, mergulham a mão direita na manga esquerda, adiantam-se a passos regulares para seus superiores e, em um tom de temor, gritam com toda a força: «Augh! Augh!» não façam mal.

Mas estas praticas drolaticas não se approximam em nada do uso consagrado em um paiz de uma Europa civilizada que nos toca de perto e onde ha o costume de beijar as damas... no ventre. Este feliz paiz é simplesmente a Polonia... não ha n'isso nenhum pensamento menos digno ou menos elevado.

O Polaco procede assim, sem duvida para honrar o que ha de mais nobre e maior na mulher: a maternidade.

Posto que assim seja e posto que, começando este artigo, nós tenhamos adiantado que se podia avaliar do character de um povo segundo o seu modo de cumprimentar, deixamos á leitora, o cuidado de concluir por si mesma.

Mas, a nosso pezar, não podemos deixar de retroceder um seculo, a esta época de luxo e de cortezia em que os cavalheiros da côrte solicitavam, como um favor insigne, o ajoelharem-se, com a espada ao lado, o chapéo de dous bicos na mão, aos pés de uma grande dama, para depor sobre uma mão diaphana e muitas vezes quasi real o beijo que, ha muito tempo desejavam.

E o Parisiense, diz-me-hão emfim, que diz elle? O Parisiense? Oh! este diz muito simplesmente, com a cara alegre, quando encontra um conhecido: «Bom dia, meu velho; como vae isso?»

Os anjos

(T. DE BANVILLE)

Colossaes nos seus divinos portes e inconcebiveis para os espiritos inda materializados, atravez do infinito Ether onde fervilham turbilhões de sóes, onde myriades de mundos turbilhonham como atomos invisiveis de uma poeira lucida e impalpavel, tres Anjos silentes vão vertiginosos na corrida inconcebivel, mensageiros de theurgicas novellas, de novellas celestiaes e transcendentas.

Cavalgam corceis brancos e fogosos, corceis que são pégasos de luz, revestidos de armaduras deslumbrantes talhadas em diamante carmezim, para, se acaso fôr preciso, darem batalha de morte, de extermínio, ás larvas:—aos monstros e ás hydras.—Tres Anjos silentes vão vertiginosos na corrida inconcebivel, silentes seguem, apavorando cometas luminosas, hyadas e hallioths nômade impellido... e com seus dedos portentosos afastando, para poderom passar mais velozmente, as cabelleiras fartas e rútilas dos sóes.

Silentes vdam os tres Anjos mensageiros, corceis brancos e fogosos cavalgando, corceis que são pégasos de luz.

Malushiel, o da cabelleira coruscante, outr'ora o preceptor de Elias, o propheta; Samuel, o Broquel Aureo e Divino e Métator, o maior de todos os Cherubs, o polysecular Métator, a barba enorme, vasta, argy-brilhante, pelos joelhos niveos fluctuando; e, entre elles, galopa tambem Uriel, o joven anjo.

Além, mui além de Mazeppa pelos *steppes* aridos da Ukraina, assim galopa Uriel, o joven anjo, e sustendo-se nas crinas do seu flammívomo phaetonte, com a dextra cólhe, prestimano, uma pequenina esfera fluorescente; por méro desfastio vae lançal-a no Chaos da Luz Protyla Universal, no *Maelstronn* dos héspedes igneos e arcoirisantes, quando o prudente Métator detem-lhe com presteza o braço angelico.

—Larga essa bola, diz-lhe imperiosamente Métator.

Pasmo, Uriel na mais santa ingenuidade deixa escapar então dos labios uma exclamativa; e erguendo para Métator seus olhos negros, seus olhos fascinadores e seraphicos, interroga-o, na mais santa ingenuidade:

—Então esta bolazinha tambem tem aqui alguma utilidade?!

—Não! Isso, não! Uriel, diz Métator, essa bolazinha quasi não tem nenhuma utilidade; mas... é bom deixal-a ahí mesmo, em seu lugar... Ella é nada mais nem menos que a Terra!

CINCINATO GUTERRES.

Uma noite de verão

A amavel leitora não desconhece, julgo eu, o que custa atravessar uma d'estas noites calidas de Janeiro encerrado n'um quarto, mais d'estes quartos a semelhança do meu, sem enfeites, n'um de aconchegos deleitosos e sem ao menos um toque, uma pincelada de poesia. E' um horror!

Dormil-a d'um somno, seria tão esplendido como é impossivel.

Passal-a metade dormindo, metade phantasiando, era accitavel; mas não ha imaginação que consiga sustentar-se por mais d'uma hora passeando os luzidos subterraneos do horrante, ou aquecendo-se ao mator foggo do bello, ás esplendidas chammas de admiravel! Ou cansa ou succumbe.

A convivencia é o unico salva-vidas que conheço, para não sossobrarmos n'esse pelago navegado de sem sabôr.

E eu, minha adoravel leitora, um dia d'estes, sem me recordar d'essa convivencia, passeava só, e devia apresentar um aspecto triste, porque um turbilhão de horrorosas cogitações, me havia ensopado.

E andava automaticamente; sem contemplar nem ouvir; porque o presentimento do futuro empanava-me a vista, e o quadro do presente parece que se tinha esfarrapado.

Mas... não vá de chorar minha sensível leitora; não vale a pena.

Andei, caminhei, até que uma voz e um encontrão d'amigo tudo, me chamaram ao positivo.

—Meu caro, que fazes por aqui? disse-me um rapaz que conheço.

—Passeio. Não vês?

—Onde vaes á noite?

—A parte alguma.

—Tens ido ás noites acaso de F.?

—Não.

—Não o conheces?

—Apenas de vista.

—Apresentar-te-hei hoje e poderás assim passar um pouco melhor algumas horas.

—Agradeço.

—A's nove hora na assemblea

Fui pontual.

Entramos para uma sala, depois de ter sido apresentada ao dono da casa, sala que estava adornada com gosto, mobiliada com elegancia e espantosamente concorrida.

Não havia alli as tapeçarias de grande preço, os quadros de muito valor, os jarrões de indubitavel merito, os reposteiros de exquisito tecido, nem esse ar touxiado de aromas artificiaes que enfraquecem a ima-

ginação e entorpecem o espirito, mas em compensação respirava-se uma atmosphera pura como uma alma ao nascer.

Approximei-me de diferentes grupos entre os quaes conhecia varias pessoas.

Aqui, dois velhos rabulas, ambos teimosos sustentavam uma questão sobre historia.

Mais além um gracioso galan, rendia finezas, preleccionava sobre a *philosophia amorosa*, conjugava o verbo amar a uma jovem donzella de cabellos pretos, faces descoradas, olhos amortecidos, penteada, se bem me recordo, porque em figurinos não sou forte, a D. Maria II. Era um primor no arrojo e um valente em ignorancia!

A sympathica leitora deve ter curiosidade de saber o que elles diziam, porque, verdade, verdade, esta questão d'amor é o fraco das damas.

—Então vossa excellencia dá-me a honra de se apoiar no meu fragilissimo braço, e vou conduzi-la a uma cadeira, onde se possam ouvir as confissões dos enamorados.

Agora que está sentada attenda ao que elles dizem.

—Não minha Rosinha, é falso o que te dizem, affirmava o galan.

—Mas como me hei de convencer? perguntava a gentil dama.

—Eu sei?! A minha palavra não te basta; julgas mentidos os meus protestos: aqui só ha um meio.

—Qual?

—Esperar.

—Peior ainda. Esperar por tempo indeterminado...

—E' justo; mas então que queres?

—Outro meio.

—Mas... Rosinha, não ha outro meio.

—Serás constante nas tuas promessas?

—Offende-me convencendo-te d'isso.

—Olha, Rosinha, eu adoro-te como nunca adorei. Encontro-te mais brilhante que o sol e mais poetica que a lua.

Tu para mim vales mais que o universo. Sem ti, oh! sem ti a minha existencia seria peor que o antro mais horrendo do inferno..

—Queres dizer com isso, meu Domingos, que se eu te faltasse, se eu morresse, por exemplo, tu não poderias deixar de me acompanhar.

—Se tu morresses, que medonho pensamento: se tu morresses o medico que te tratasse seria inevitavelmente crucificado!

—E tu viverias para adorar outra não é verdade?

—Eu, sim, eu viveria para regar todos os dias com as minhas lagrimas umas tristes florinhas que iria plantar sobre a tua campã!

DOMINGOS MONTEIRO

(Continúa.)

A minha filha Maria Constança

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.
V. DA P. BRANCA

Quer a vida te seja branca nuvem
Deslisando nos páramos do céu
Ou como um rio placido fluindo
Sem as doidas espumas do escarcóo;

Quer do mundo cruel a sorte varia
Venha turbar teus sonhos de ventura,
Transformando douradas esperanças
N'uma vida de dôr, de magua pura.

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.

S. Paulo, 18—2—95.

B. F.

AS NOSSAS GRAVURAS

Poste infamante em Breslau

Esta nossa gravura é a reproducção de um dos barbaros costumes dos tempos medievaes: em, que na praça publica eram justicados condemnados as vezes por crimes bem insignificantes.

As vezes até por vingança politica era um desgraçado sujeito ao poste infamante, no meio da risota popular.

A. Rubinstein

Offerecemos hoje ás nossas leitoras o retrato do grande compositor A. Rubinstein, um dos vultos mais notaveis entre os grandes compositores musicaes modernos.

As nossas quatro primeiras gravuras representam uma phase da arte choreographica, que as nossas leitoras de certo não conhecem senão por leitura.

São costumes do tempo de Luiz XV, do seculo passado, em que a hnura de modos e a gentileza de trato tornaram immutaveis os cavalheiros daquella epocha.

Pela exposição de nossas gravuras verá bem a leitora quanto *chic*, quanto aprumo havia n'aquella epocha, nos salões da aristocracia.

MARAVILHOSA DESCOBERTA

Hoje ao alcance de todos os habitantes dos Estados-Unidos do Brazil e dos Paizes Estrangeiros

Onde houver correio ahi chegarão com a brevidade e segurança deste meio de transporte, as salutareas PILULAS DE NECTANDRA AMARA, remedio Paulista, formnladas com a mesma dosagem da Nectandra e em caixas fortes para irem com a presteza possivel pelo correio, supprir a falta e produzir os mesmos efeitos do Vinho, do Elixir, e de Tintura de Nectandra Amara, remedio Paulista, que, por serem liquidos não podem ser transportados por este meio rapido e seguro.

Aqui damos alguns dos innumerados attestados, que tem merecido este prodigioso medicamento:

Uma mãe—Illm. Sr Joaquim Bueno de Miranda. — Achando-me bastante doente do estomago e quasi que a deixar cinco filhos na orphandade, em boa hora li um dos seus annuncios n'O *Pai*—Pilulas de Nectandra Amara—comprei-as e foi prompto o resultado: em poucos dias achei-me completamente restabelecida. Portanto escrevo-lhe esta, para della fazer o uso que lhe convier. Sou de V. S. attenta, criada e obrigada. Rio de Janeiro, 12 de Junho de 1894—*Anna Emilia de Souza Machado.*

Um doente—Eu abaixo assignado declaro que, soffrendo ha tempos de uma dysenteria e sendo aconselhado por um amigo para fazer uso das Pilulas de Nectandra Amara, assim o fiz, não me sendo preciso mas que uma caixa para ficar completamente restabelecido. Rua do Hospicio n. 241—Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1894.—*J. do Paço.*

Um negociante do interior—Estado de Minas—São João Baptista da Terra Branca, 15 de Maio de 1891—Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda—Tendo eu tirado bom resultado com o uso das Pilulas de Nectandra Amara do Sr. Antero Leivas, sómente com uma caixinha que V. S. me mandou pelo correio, remetto-lhe agora a importancia de 4\$600 para V. S.

mandar-me mais duas caixas de tão precioso medicamento na cura das dyspepsias. Com estima e apreço sou de V. S. amigo obrigado e criado.—*Antonio Theophilo dos Reis.*

Um pai—O abaixo assignado attesta que, soffrendo uma sua filha de incommodo pertinaz de intestinos, debalde sujeitou-se ás receitas de habeis medicos, restabelecendo-se afinal com o uso das Pilulas de Nectandra Amara—Rio, 18 de Setembro de 1890—*Bacharel Antonio A. C. Barradas.*

Um medico—Attesto que tenho empregado em minha clinica as Pilulas, o Elixir e a Tintura de Nectandra Amara, com resultado admiravel, em caso de diarrhéa, dysenteria e gastro-enterite. O que digo e juro sob a fé do meu grão. Capivary, 14 de Março de 1890.—*Dr. José Vieira da Costa Valente.*

Um fazendeiro do interior—S. José do Bom Jardim, 8 de Fevereiro de 1894.—Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda.—Incluo nesta a importancia de 4\$600 para ter a bondade de remetter-me, registradas pelo correio, mais duas caixas de Pilulas de Nectandra Amara, visto ter sido muito satisfactorio o resultado obtido pelo doente com as que já tomou. Sem mais assumpto, sou de V. S. attento, venerador obrigado e criado—*Manuel Teixeira de Paiva Araújo.*

As cartas e attestados acima mostram a efficacia das pilulas de Nectandra Amara para as molestias do estomago e dos intestinos e a facilidade de obtel-as em qualquer parte onde esteja o doente e haja correio. E' medicamento que todo pai de familia e chefe de estabelecimento, mais ou menos distante de recursos medicos, não deve estar sem elle, porque combate justamente as enfermidades mais frequentes e que muitas vezes são de consequencias fataes, se não são combatidas logo em começo.

N. B.—Para anemias, fraqueza de pernas, pés inchados ao levantar-se, Convalescência de molestias graves e longas, deve-se moer as pilulas a tomar e dissolver-as em um pequeno calice de vinho superior do Porto para to na-la, assim em liquido ao levantar-se e nas refeições.

Para o enjôo de mar deve-se tomar 3 pilulas na vespera do embarque e no ir-se para bordo.

Se enjoar a bordo, deve-se tomar sempre que lançar até passar de todo as nauzeas, porém nestes casos deve-se moer as pilulas a tomar e dissolver-as em um pequeno calice de agua pura ou vinho superior do Porto, para tomal-as em liquido e assim produzirem prompto efeito. Para criancas metade da dóze.

As pessoas, que não tiverem correspondentes aqui e queiram ter esta utilissimas pilulas, pódem se dirigir directamente ao proprietario, que incumbe-se de remettel-as registradas para qualquer parte do Brazil e do estrangeiro, mediante a quantia de 2\$300 para uma caixa, 12\$600 para seis e 20\$800 para doze caixas

As fracções são o quanto paga-se para o registro do correio.

Direcção — Joaquim Bueno de Miranda — Rua de S. Pedro n. 72,
1º andar — Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 1 de Março, de 1895.

PRODIGIOSO MEDICAMENTO

VERDADEIRO REMEDIO DOS POBRES

As laranjas da Marqueza

I

UM JOGO DE LARANJAS

A marqueza de Fontevrault residia, durante o verão, em um palacete acastellado, situado na margem do rio, proximo da estrada que vai de Bougival a S. Germano.

A marqueza era viuva, mas viuva apenas com vinte e tres annos, e possuindo uma avultadissima riqueza.

Dizia-se então que a Sra. de Fontevrault era uma das mais ricas fidalgas da corte de sua magestade o rei Luiz XV.

As propriedades da joven viuva confinavam com as da valida, a Sra. Dubarry, e a marqueza de Fontevrault podia ver do centro do seu camarim os logares mais elevados, as paredes brancas do palacio de Luciennes, e os grandes castanheiros que orlavam aquella elegante residencia.

Vinte e tres annos antes do acontecimento que vamos narrar, ha via-a conduzido o rei Luiz XV á pia baptismal da capella de Marly, assegurando-lhe cem mil libras de renda, como que querendo provar ao barão de Fontevrault, seu pae, que tivera a fortuna de lhe salvar a vida na batalha de Fontenoy, que os reis,

quando querem, tambem sabem ser reconhecidos, ainda que o vulgo assevere o contrario.

N'um bello dia de maio, pela volta do meio dia, occupava-se a interessante viuva nos arranjos do seu toucador.

Fiorina e Aspasia, duas creadinhas vivas e travessas, taes como o Sr. de Marivaux sabia inventar, polvilhavam com o mais stricto cuidado os bellos e perfumados cabellos da seductora viuva.

Emquanto as camareiras se occupavam com o mais minucioso cuidado e com a maior arte possivel em vestir e enfeitar sua ama, esta entretinha-se com toda a gravidade em fazer saltar, uma apoz outra, duas magnificas laranjas, que, cruzando-se no ar, vinham cahir-lhe simultaneamente nas pequenas e alvas mãos, que novamente tornavam a fazê-las proseguir na sua incessante tarefa.

De vez em quando interrompia este pueril divertimento para mandar fazer ao canto dos labios algum signal preto, ou para olhar, com ar de invencivel tedio, para o mostrador d'uma pendula collocada no camarim, que lhe ficava frente a frente, procurando ver a hora que marcava e com ella os preciosos instantes que o tempo no seu correr incessante lhe roubava.

Já durava ha vinte minutos este estado de indolencia e de tedio, quando subitamente se abriram os dous batentes da porta, e um laçao de vestido agaloado annunciou com voz potente:

—O rei!

Parece que a marqueza já estava habituada a identicas visitas, porque o annuncio d'esta em nada alterou o seu estado indolente; apenas se ergueu um

pouco da poltrona em que estava sentada, e com o mais seductor sorriso do mundo cumprimentou o regio personagem, que entrava n'este momento.

O rei annunciado era Luiz XV, em pessoa, mas Luiz XV, aos sessenta e cinco annos, ainda em bellas disposições, boa presença, labios risonhos, olhos vivos e trajando um elegante vestuario de cassa cor de perola, que lhe assentava ás mil maravilhas.

Trazia sobraçada uma magnifica espingarda caçadeira com a coronha ricamente encrustada de prata e madreperola.

Suspensa ao hombro trazia uma pequena bolsa, destinada unicamente a conter as necessarias munições de caça.

O rei vinha de Luciennes, acompanhado apenas pelo velho marechal de Richelieu, por um capitão das suas guardas e por um picador a pé.

Durante o caminho divertira-se em atirar ás codornizes, carregando elle proprio a espingarda, como costumavam fazer-o os seus antepassados, os ultimos Valois e os primeiros Bourbons.

Seu avô Henrique IV, o Bearnez, como vulgarmente lhe chamavam, não se teria portado nem com mais simplicidade nem com menos cerimonia.

Formara-se de repente no céu um aguaceiro: ora o rei não gostava de chuva, e para demonstral-o dizia: que era muito menos desagradavel o fogo de uma bateria inimiga do que essas miudas gottas d'agua, que trespassando-lhe o fato e chegando-lhe ao corpo lhe iam aggravar horrivelmente o rheumatismo que o flagellava.

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do Dr. SOULIGOUX Laxante certo, agradável ao paladar, fácil de se tomar
O vidro de cerca de 25 doses: 2 fr. 50
PARIZ, AVENUE VICTORIA, N.º 6 E NAS PHARMACIAS.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrõe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella a encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **L'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanê-os e branqueie-os com **L'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENGLOS

escarnea da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 31 à PARIS.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA BOUQUE CAPILLAIRE
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;

LA PATE ET LA POUDE MANODERMALE DE NINON
fara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do estrangeiro

VELOUTINE

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial PREPARADO COM BISMUTHO por

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

XAROPE DE FLON

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.

Soberano contra

DEFLUXOS BRONCHITES INFLUENZA CATARRHOS

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

Acha-se em todas as Pharmacias.

Espartilhos DA CASA DE VERTUS SŒURS

PARIZ

A afamada casa DE VERTUS Sœurs acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA

Achando-se felizmente só, distante cerca de cem passos da grade do castello, quando principiou a cahir o primeiro chuva, tratou logo de se abrigar em casa da afilhada, despedindo as pessoas que lhe serviam de comitiva, deixando apenas consigo um galgo de excellente raça, cuja genealogia, minuciosamente estudada e estabelecida pelo marechal duque de Richelieu, remontava directamente, com algumas ligeiras incorrecções nobiliarchicas, a Nisus, esse famoso galgo que Carlos IX, e filho de Catharina de Médecis, dera de presente ao seu amigo Ronsard o celebrado poeta da sua côrte.

—Bom dia, querida marqueza, disse o rei entrando e encostando a espingarda a um canto do camarim. Venho pedir-lhe hospitalidade. Apanhou-nos a chuva no caminho a mim e a Richelieu, proximo ao portão do seu palacete; mandei embora a Richelieu e...

—Ah! senhor, não foi isso um comportamento muito amavel.

—Silencio! disse o rei quasi confidencialmente. E' apenas meio dia e se o marechal entrasse tão cedo em vossa casa, gabar-se-ia d'isso por toda a parte; e esta mesma noite no paço...

«E' muito fatuo e comprometedor o velho duque. Mas não se incomode por minha causa, marqueza. Deixe primeiro que Aspasia termine o seu elegante penteado, e que Fiorina, com essa pequena faca de prata, pulverise os seus cabellos com uma nuvem de pós á marchala, que tão bem



de mais a mais dança o minuete, com a maior graça do mundo?

—Vou explicar-me claramente, retorquiu a marqueza; vossa magestade sabe perfeitamente que o Sr. de Menneval é um gentil-homem completo, bello homem, cavalheiro ousado e corajoso, infatigavel dansador e espirituoso como o Sr. de Arouet. «No entanto deseja ardentemente viver no campo, nas suas terras de Turenne, situadas nas margens do Loire, com a mulher a quem consagrou o seu amor e a quem sacrificará de bom grado todas as regalias e todas as grandezas e prazeres que a côrte de vossa magestade lhe offerece.

—E razão tem em pensar d'esse modo, disse o rei suspirando; é na realidade bem enfadonha a vida da côrte!

—Sim e não, disse a marqueza, requebrando-se brandamente e recostando-se voluptuosamente no espaldar estofado da sua poltrona; talvez que não ignore, senhor, que o cavalheiro de Beaugency é um dos mais distinctos e elegantes fidalgos de Marly e Versailles, ambicioso, excessivamente zeloso pelo serviço de sua magestade, tão bravo como o Sr. de Menneval, e capaz de ir até ao fim do mundo... com o titulo de embaixador de França.

—Sei isso perfeitamente, disse Luiz XV rindo-se. Mas, talvez não saiba uma coisa, marqueza, e é que tenho mais embaixadores que embaixadas a dar-lhes; todos os dias enxameiam pelas minhas ante-camaras os pretendentes.

—Ora, proseguiu tristemente a marqueza, ha dois annos que enviuei, senhor.

A GAVOTTE QUADRILHA MODERNA

—Ora imagine, senhor, que encontrei hontem á tarde a condessa occupada em fazer saltar assim estas laranças.

E a marqueza recomeçou a jogar-as com admiravel destreza.

—Ah! agora comprehendo perfeitamente, disse o rei; e até acompanhava tão singular divertimento com estas simples palavras:— *Salta, Choiseul! salta Praslin!* e, na verdade creio que ambos saltarão.

—Forçosamente, senhor.

—Por acaso tambem se envolverá em politica, marqueza? Alimentará tambem o desejo de se unir á condessa para inquietarem ambas os meus dois ministros?

—Isso de modo nenhum, senhor, porque ainda ha pouco, em vez do Sr. de Choiseul e do Sr. duque de Praslin, exclamava eu:— *Salta, Menneval! salta, Beaugency!*

—Realmente, marqueza, desperta-me o riso com a sua espirituosa substituição. Porque diabo quer que saltem esses dois fidalgos, o Sr. de Menneval, rico como um Crespo, e o Sr. de Beaugency, um estadista, e que



POSIÇÃO DO MINUETE A LA REINE

dizem com os lirios e rosas do seu juvenil e formoso semblante... E' encantadora de fazer endoidecer, querida marqueza.

—Na verdade acha isso, senhor? perguntou ella.

—Todos os dias lh'o estou a repetir. Oh! que bellas laranjas!

E o rei sentou-se em uma grande cadeira de braços que estava chegada á da marqueza; beijou-lhe com infinita graça as roseas pontas dos dedos e tomando uma das laranjas, que tanta admiração lhe havia causado, contemplou-a por algum tempo á sua vontade.

Depois disse:

—Por que é que estão tão bellas laranjas ao lado de uma caixinha chineza cheia de pós e frascos de essencia? Entrará tambem esta fructa na conservação e perfeição tão admiravel dos seus encantos, marqueza?

—Senhor, respondeu gravemente a marqueza, essas laranjas desempenhavam ainda ha pouco para mim o papel do destino.

O rei arregalou desmedidamente os olhos e afagou os compridos pellos do galgo, para dar á marqueza o tempo necessario de se explicar.

—Foram-me dadas pela condessa, disse ella.

—A Sra. Dubarry?

—Essa mesma, senhor.

—Parece-me bem insignificante o presente, marqueza.

—Pelo contrario, senhor, acho-o de muito valor, pois que, torno a repetir a vossa magestade, para mim essas laranjas desempenham o papel do destino.

—Que me leve a breca se eu entendo, marqueza, disse o rei.



FIGURA DO MINUETTE DE D. JUAN

—E' muito na actualidade, disse o rei no mesmo tom de voz que a marqueza.

—Ah! suspirou ella baixando os olhos, e a quem o diz, senhor!

—O Sr. de Menneval ama-me. Pelo menos assim m'o confessou, e eu sou um pouco credula, e por isso...

—Mas n'esse caso então despose o Sr. de Menneval.

—Já pensei n'isso, senhor, e de facto poderia fazer muito peor casamento. Preferiria de boa vontade o viver no campo á sombra das arvores, nas margens d'um rio, em companhia d'um marido amoroso, terno e submisso, que detestasse os philosophos e as suas detestaveis doutrinas, e que, ao contrario, prezasse um pouco os poetas.

«Quando nenhum ruido externo perturba os dias da lua de mel, costuma ella prolongar-se indefinidamente, e ao campo raras vezes chega o tumulto das cidades.

—A não ser o tumulto do vento que geme no corredor, e a chuva que de fóra açoita as vidraças.

E o rei estremeceu instinctivamente.

—Mas, proseguiu a marqueza, o Sr. de Beaugency tambem me ama igualmente.

—Ah! ah! esse é um grande ambicioso!

—Não é incompativel a ambição com o amor, senhor?

«O Sr. de Beaugency é marquez, tem vinte e cinco annos e é, como diz sua magestade, um grande ambicioso.

Sempre desejei muito encontrar e ter por marido um homem que aspirasse ardentemente por subir aos mais importantes cargos do estado.

As grandezas tambem tem o seu merito especial.»

—Então case com o Sr. de Beaugency, e porá assim termo a esse estado de incerteza em que se acha collocada.



FIGURA DA GAVOTTE DE VESTRIS

—Tambem já tive essa lembrança; mas n'esse caso o pobre Sr. de Menneval...

—Muito bem, respondeu o rei, rindo-se. Agora comprehendendo o importante papel que desempenham por si essas duas laranjas.

Agrade-lhe muito o Sr. de Beaugency, porém, como só pôde casar com um d'esses dois gentis-homens, a sorte que decida qual deve ser o preferido, não é assim, marqueza?

—Justamente, senhor. Mas infelizmente ha sempre um obstaculo.

—Sim, e qual é elle, se se pôde saber.

—E' que não querendo nem podendo trapacear, esforço-se notavelmente em apanhar as laranjas quando vem a cahir, e apanha-as ambas.

—Pois bem, disse o rei, consente que tome parte no jogo?

—Ora! sua magestade está a gracejar commigo?

—Não, marqueza, attenda ao que lhe digo, porque não estou a gracejar; sou muito desageitado, e com toda a certeza, antes de dois ou tres minutos, ou Menneval ou Beaugency rolarão pelo pavimento d'esta sala.

—Sim! mas se der a preferencia a quaiquer d'elles, senhor? retorquiu a marqueza.

—Façamos então d'este modo; repare bem, tomo as duas laranjas...

—Muito bem, disse a marqueza.

—Attenda bem para ambas, ou para mais segurança, crave em uma d'ellas um d'esses alfinetes de toucador. Agora designe a que representa o Sr. de Beaugency. Quanto a mim devo ignoral-o.

«Se fôr parar ao chão o Sr. de Beaugency, desposará o seu rival; e no caso contrario resignar-se-ha christãmente a ser uma formosa embaixatriz.

—Perfeitamente, senhor. Pôde vossa magestade começar.

O rei tomou então as duas laranjas, e principiou a atiral-as rapidamente ao ar, mas á terceira vez rolaram ambas pelo pavimento juncado de rosas.

A marqueza desatou uma estrepitosa gargalhada, a que o rei fez cõro.

—Decididamente, disse o rei, tinha razão... sou um grande desastrado.

—E eis-nos cada vez mais embaraçado, senhor.

—Realmente, marqueza, o mais simples e mais acertado é partir as duas laranjas, deitar-lhes assucar, e mettel-as em aguardente de cana.

«Depois convide-me para as vir comer, e offereça-me d'esse bello doce de cereja e pecego, que tão bem sabe preparar, e que em nada é inferior áquellas qualidades que minha filha, a princeza Adelaide, prepara tambem.

—E o Sr. de Menneval? E o Sr. de Beaugency? disse a marqueza suspirando profundamente. Como havemos de decidir este pleito?

O rei começou a cogitar.

—Tem a certeza de que ambos a amam? disse elle.

—E' de presumir, respondeu ella com um significativo sorriso, que se reflectiu no espelho troanteiro.

—Com igual amor? proseguiu o rei.

—Assim me parece, senhor.

—E eu não o acredito.

—Ah! exclamou a marqueza, ahi está em verdade uma supposição bem pouco lisongeira. Pois bem, senhor, é preciso decidir-me, pois elles não tardarão a chegar aqui.

—Ambos ao mesmo tempo?

—Nada, um depois do outro. Aprasei a entrevista ao marquez para a uma hora da tarde, e ao barão para as duas.

«Prometti dar-lhes uma resposta definitiva amanhã, com a condição de que os receberia hoje pela ultima vez, e isto irrevogavelmente.

Ao terminar a marqueza o que ahi fica, assomou á porta da sala o mesmo laçao que antes annunciara a visita do rei, e que vinha agora prevenil-a de que o Sr. de Beaugency aguardava impaciente, no salão de espera, o momento em que a elegante viuva se dignasse admitil-o á sua presença.

—Muito bem, disse Luiz XV, sorrindo com a graça dos dezoito annos, mande entrar para aqui o Sr. de Beaugency. Marqueza, prepare-se para receber a sua visita e para lhe dizer qual o preço por que lhe concede a sua mão.

—E que preço será esse, senhor?

—Dar-lhe a escolher: ou renunciar a sua mão, ou consentir em ser demittido de todos os cargos que

exerce na minha cõrte para ir viver commigo nas suas terras de Couriac, no Poitou, e ahi sujeitar-se a uma vida de fidalgo camponez.

—E que mais, senhor?

—Conceder-lhe-ha apenas duas horas para reflectir na sua proposta, e despedil-o-ha.

—E depois, senhor?

—O resto pertence-me.

E o rei levantou-se, chamou pelo galgo, pegou da espingarda e foi esconder-se por traz d'uma porta, puxando um reposteiro para melhor se occultar as vistas do pretendente.

—Que faz, senhor? perguntou a marqueza.

—Occulto-me, marqueza, aos olhos de meus vassallos, seguindo o exemplo dos reis da Persia, respondeu Luiz XV.

Pouco depois entrava naquelle mesmo aposento o Sr. de Beaugency.

(Continua).

Ao Luar

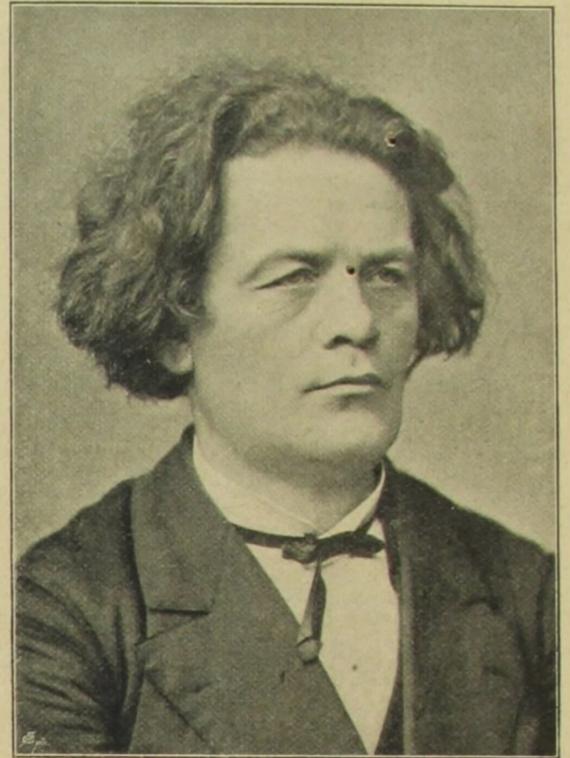
Velas soltas á viração do sul, calma e bonançosa, aguas abaixo, corre o batel, ligeiro, pequeninas escamas azuladas apõz si deixando.

Ha muita luz pelo alto. Pallida e sonhadora, absorto olhar dolente, a lua se vae mirando nas frescas aguas tranquilas, que sua doce luz acaricia carinhosamente.

Vem de longe uma cantiga. Suspende, encantado, os remos, dous delicados remos quasi negros, o pescador moreno, grandes olhos castanhos, barba nazarena, em desordem, largo peito nu.

Escisma e á escuta põe-se. Vibra agora mais meiga, clara voz suave, melodia amorosa e terna, pelo espaço em silencio, a cantiga dorida, arcano, quem sabe? de doudo coração amante...

E as estrellas scintillam! Corre de novo o batel ligeiro a sua marcha longa, e o pescador solta, para entrelaçar-se com a cantiga dorida, lá pelo azul onde vae morrer, uma outra mais dorida e amorosa, suspiro de mágua, recordação de pezares...



ANTONIO RUBINSTEIN

E a lua a se espelhar no rio...

Descobre o timoneiro ao longe, por entre as arvores que vicejam ás margens, alvo chalet, a despejar, pela janella aberta, o reflexo da lampada, que lá dentro arde, e, mais rapidos e mais fortes, os dous delicados remos fendem as frescas aguas tranquillas...

E as cantigas suspiram!...

E o pescador, coitado! vae cantando... cantando... olhos fitos no alvo chalet e... ai, céus! passa por elle a suspirar, mais dorida, a voz, sem que lhe escutem a canção, onde um grande amor se expande...

Já a manhã se desdobra!

E velas soltas, á viração do sul, calma, bonançosa, aguas abaixo, corre o batel, mais ligeiro agora, revoltas ondas apõz si deixando...

...Como o pescador, bella morena de meus sonhos! vida da minha vida! vou cantando... cantando... pela existencia afõra, sem que me escutes o gemido d'este grande amor, que me inspiraste, um dia!...

Singular machina

Um relógio ordinario bate cerca de 350 vezes por minuto, ou 21,000 vezes dentro de uma hora, o que faz 504,000 vezes por dia e 184,086,000 por anno, tendo o anno 365 dias e 6 horas.

Ora succede que um bom relógio, bem cuidado, pode durar cem annos.

N'este caso bate mais ou menos 18 milhares e meio de milhões de pancadas!

O relógio é feito de um metal muito resistente, mas existe uma machina mais curiosa ainda, feita de uma substancia que não é tão dura como o bronze ou como o aço, porque não é muito mais firme que a carne do braço.

Entretanto esta machina bate mais de 5,000 vezes por hora, ou 120,000 vezes por dia, ou 43,830,000 vezes por anno. Acontece-lhe raramente, é exacto, durar cem annos. Mas como as vezes isso acontece, esta machina tem marcado neste tempo 4 milhares de milhões e meio de pancadas.

Poder-se-hia julgar que esta machina, tenra como é, pode se desarranjar mais vezes que a outra, mas assim não acontece. Diremos mais: temos todos esta machina commosco.

Não é preciso coçar a cabeça, não está lá; está em nós mesmo e nós lhe sentimos as pulsações; é o coração!

MOZAICO

As mulheres devem desconfiar mais ainda das mulheres que dos homens.

— Uma boa consciencia é o melhor dos travesseiros.

— O homem vadio mata o tempo, e o tempo mata o homem vadio.

— O melhor conselho é o dia da experiencia, porém sempre o recebemos demasiado tarde.

— As injurias que nos fazem devemos escrevel-as na areia e os beneficios graval-os no aço.

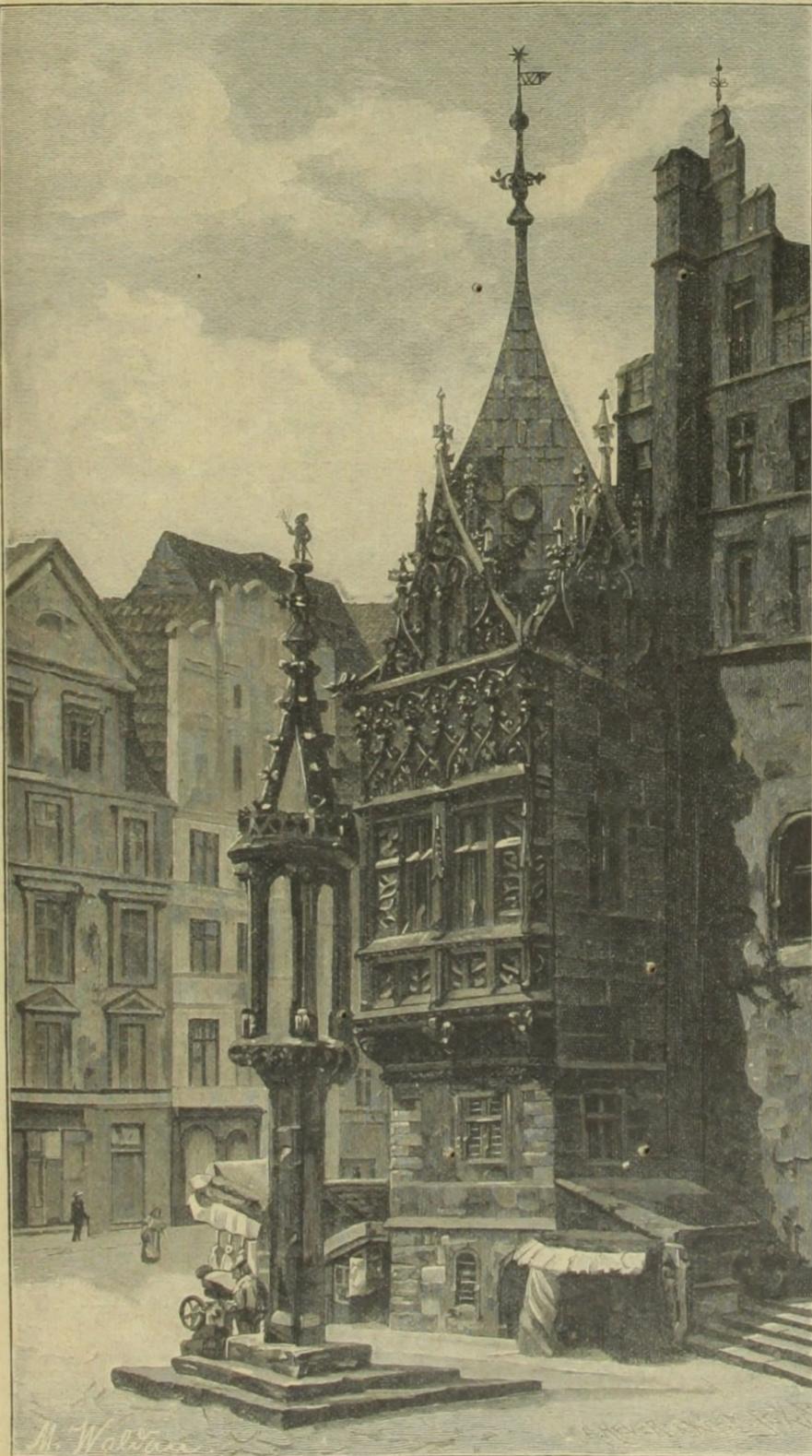
*

O commendador Anselmo Pascacio é desafiado para um duelo.

— Está bem, bato-me, mas com uma condição.

— Qual?

— Sou myope, e o adversario tem uma vista excelente, Para egualar as condições, peço que me permitam collocar-me dez passos mais proximo d'elle, que elle de mim.



POSTE INFAMANTE EM BRESLAU

Uma cantora franceza, com boa voz, mas muito alta e muito gorda, fazia uma vez o papel de princeza nos *Huguenotes*. Um cantor, baixo e magro, fazia o papel do seu amante. Ora, na scena em que ella desmaia, e em que elle tem de a tomar nos braços e de a levar para fóra de scena, elle hesitou um instante, e o publico esperou com certa curiosidade, quando se ouviu nas galerias uma voz que dizia:

— Olhe lá, leve o que puder e depois venha buscar o resto.

O riso foi tal que teve de cair o pauço

— Contrahem-se, dizia um professor, os objectos que se fazem menores, dilatam-se os que se tornam maiores. A mesma coisa não se pôde contrahir e augmentar ao mesmo tempo.

— Ah! isso pôde, observou um discipulo. Ha cousas que quanto mais se contrahem mais augmentam.

— Quaes são? pergunta o professor muito espantado.

— São dividas.

Dois individuos jantam n'uma estalagem de aldeia. Diz um para o outro:

— Que carne esta tão negra!

— Pois admira, exclama o filho do estalajadeiro que se achava proximo; porque o burro era branco.

N'um baile official um tenente do exercito, em grande uniforme, murmurou ao seu par.

— Palavra d'honra, minha senhora, adoro-a!...

— Ora adeus! Tem jurado isso mesmo a tantas outras!

— E' verdade, mas sempre de pequeno uniforme.

Desde que vi os seus olhos
Rebellaram-se os meus,
Attrahidos docemente
Aos ternos olhares teus.

No tribunal:

— Accusado, reconheceis emfim a vossa culpabilidade?

— Não, Sr. juiz; nunca.

— Como então, ha quatro testemunhas que vos viram.

— Bella prova! Eu poderia citar milhares que não me viram!

No consultorio de um medico:

— Nesta sala está um calor insupportavel; estou a suar em bica!

Simplicio que tambem está presente:

— Não admiro nada; o senhor foi sentar-se mesmo ao pé do thermometro.

ECONOMIA DOMESTICA

Liquido para a vegetação

Se a leitora quizer ver crescer rapidamente os grãos que semeou deve ter o cuidado de regar diversas vezes a terra, com uma preparação composta de um kilogramma de chlorureto de calcium para 30 litros d'agua.

O mesmo liquido pôde tambem servir para dar vigor ás arvores que soffrem e ativar-lhes a vegetação.

Neste caso cava-se um pouco o pé da arvore, depois rega-se diversas vezes com alguns dias de intervallos.

CORRESPONDENCIA

77923 S. Paulo de Muriahé—Ao ser-nos communicado mudança de residencia é necessario, 1º declarar a morada antiga, 2º juntar um selo do correio de 200 reis pois as mudanças acarretam minucioso trabalho e modificações no serviço e acreditamos que o mesmo que em tal caso faremos exigir e sermos embolçado da despeza que fazemos com reimpresão de novo rotulo.

Kolandina—Lançamos pontualmente as folhas no correio e temos escripturação da sahida pela qual provamos a remessa. Contra os numerosos descaminhos que se dão no correio apenas podemos clamar a em principio não podemos ser responsabilizados pelo serviço de reparação que não nós é dado fiscalizar.

DELETTREZ

EM PARIS
INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
extra-fina
DE
AMARYLLIS
DU JAPON

Recommandada pelas Celebidades Medicas

Sabonete..... de AMARYLLIS DU JAPON
Pó de Arroz... de AMARYLLIS DU JAPON
Essencia..... de AMARYLLIS DU JAPON
Agua de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON
Vinagre de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON
Oleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON
Brilhantina..... de AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES

Fabricante
de Perfumaria Inglesa extra-fina

VICTORIA ESSENCIA

O mais delicioso perfume do Mundo.
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF

Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba-ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beiços.

LA JUVENILE

Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel
Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.

Preparado especialmente para ser empregado com o fluido Iatif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH

para embellezar a tez.

Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel, é o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaldas.

CREAM IATIF

Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES

Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

ELIXIR e PASTA SAMOHTI

Denfírico antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS
Depositos em todas as principaes Perfumarias.

IMPORTADOR DA
L. T. PIVER em PARIS
Nova PERFUMARIA Extra-fina

AO
CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO + PÓ de ARROZ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
EXTRACTO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO BRILHANTINA..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
AGUA de TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO OLEO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
LOTION..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO POMADA..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日 本 精 製

Contra a ANEMIA, a FRAQUEZA
o RACHITISMO, as ESCROFULAS
o RHEUMATISMO, a TISICA etc.
SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO



de EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO

Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e tão agradável ao paladar que as crianças chegam a tomal-a até por gosto. — Uma colher, das de sopa, de VINHO VIVIEN, equivale a duas colheres de sopa de oleo de figado de bacalhao.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS
PARIS: 126, Rue Lafayette, 126

TONICO * FEBRIFUGO * REGENERADOR

VINHO do JOHANNO

COM
QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE
HYPOPHOSPHITOS

Energico reconstituente recommendado nos casos da POBREZA de SANGUE, — CHLOROSIS, — LYMPHATISMO. — FEBRES PERNICIOSAS, e principalmente as Senhoras nos casos de FLUXO BRANCO, — MENSTRUACAO IRREGULAR, etc.

A venda em todas Pharmacias, PARIS: r. Lafayette, 126

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

— PARIS —

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.

AGUA de COLONIA Imperial Russa.

EXTRACTOS PARA O LENÇO: Violetta San Remo; Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Violette russe, Trevol, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

PÓS OPHELIA, Talismão de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL para os Cabellos.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

MEIO SEculo DE SUCESSO

O unico verdadeiro Alcool de Hortelã é o Alcool de Hortelã

DE RICQLÈS

Algumas gottas d'este alcool em um copo d'agua com assucar fazem uma bebida deliciosa, sadia, refrigerante e barata, matando instantaneamente a sede e saneando a agua.

Em dose maior é INFALLIVEL contra as indigestões, os atordoamentos, as dores de estomago, o enjão, as doencas dos nervos, as dores de cabeça, a dysenteria e a cholarina.

Tambem é EXCELLENTE para os dentes, a bocca, e todos os cuidados do toucador.

É UM PRESERVATIVO contra as EPIDEMIAS.

55 recompensas entre ellas 16 diplomas de honra e 15 medalhas de Ouro.

NÃO COMPRAR AS IMITACÕES e Exija-se o nome DE RICQLÈS.